

Apresentação

Pensar sobre a condição da linguagem em suas relações com a História e com a sociedade implica assumir um diálogo tanto com diferentes correntes teóricas que têm dominado nas esferas dos estudos lingüísticos, como com as bases epistemológicas que dão sustentação a estes estudos, a fim de que se possa obter uma melhor compreensão sobre os horizontes intelectuais e sociais, em torno dos quais a produção científica, nos domínios das ideias lingüísticas, tem nos remetido.

É, pois, a partir desta perspectiva que buscamos organizar este número da Revista Organon, que conta com as colaborações que seguem.

Em “Entre a História e a memória no institucional acadêmico-científico do sul do Brasil, Verli Petri e Amanda Eloína Scherer buscam analisar, tomando como objeto de investigação a Revista Organon, de que modo uma Revista científica possibilita o acesso à compreensão do processo de divulgação e circulação do conhecimento sobre a língua e a linguagem, através de seus sessenta anos de história. Por meio de uma análise das publicações da Organon as autoras propõem observar como se produz uma política científica editorial para o fazer acadêmico.

O artigo “1977: Em Torno de Um Momento-Chave do Surgimento da Sociolingüística na França,” de Françoise Gadet, investiga as condições históricas sob as quais a Sociolingüística emerge, na França, como uma subdisciplina da Linguística, tomando como eixos nucleares as contribuições de um número da Revista “Langage” produzido em 1977 e o diálogo com pressupostos materialistas da Análise do Discurso.

“Limites, Bordas e Normas: a delicada constituição do objeto de conhecimento nas ciências humanas”, de Patrick Sériot, aborda o modo como as ciências humanas produzem conhecimento, questionando, através de um ângulo histórico que recobre a leitura de Platão sobre as imagens e suas representações e passando pelas leituras de L. Althusser e de N. Troubetzkoy, os objetivos da ciência, para, por fim, analisar os impasses desta diante de investigações de base fonológica.

Em ‘Discurso, Texto e Sentidos: um olhar para as heranças positivistas’ Ana Zandwais reflete acerca de princípios teóricos e metodológicos que

visam a caracterizar o discurso e o texto como objetos de investigação. A autora principia por definições dos anos 1970, no contexto inglês, passando, sob uma perspectiva histórica, por pressupostos determinantes para a construção de uma noção materialista de discurso, envolvendo relações de inscrição de heranças estruturalistas e positivistas no processo de delimitação do objeto discursivo.

Em “A relação entre a memória e o acontecimento desde uma perspectiva materialista do sentido” Gesualda Rasia, põe em diálogo, a narrativa fílmica “Os contos proibidos do Marquês de Sade”, sob a direção de Philip Kaufman, e o livro “O casaco de Marx”, de Peter Salybrass. Aparentemente estanques, as duas materialidades fazem convergir, de diferentes maneiras e com sentidos distintos, práticas de resistência ante o cerceamento dos sujeitos no corpo social e na história. E o faz, mostrando como a memória discursiva produz sentidos políticos na cadeia do simbólico.

É também a memória o fio condutor do texto “O rugido das ruas’ em 15 de março de 2015 no Brasil: acontecimento, discurso e memória”, de Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcanti, no qual a autora investiga enunciados que emergem nesse contexto, desenrolando os fios que tecem o processo discursivo que contempla deslocamentos/reconfigurações dos blocos de poder, das classes sociais. Esses rugidos, apreendidos discursivamente, enquanto práticas concretas dos sujeitos na história, são trazidos, no estudo, na perspectiva daquilo que ele faz emergir, enquanto memória de interdição, do Golpe de 64 (o “velho discurso anticomunista”) e, simultaneamente, explorados a partir das condições de produção específicas em que ecoam nas Marchas de 15 de março de 2015.

O texto “Divulgação científica e institucionalização no Brasil oitocentista: uma análise discursiva no periódico ‘o Vulgarizador’”, de Angela Correa Ferreira Baalbaki, constitui-se de um diálogo entre a AD francesa e a História das Ideias Linguísticas, trazendo à lume um documento de divulgação científica, do século XIX, a partir do qual é possível se depreender o imaginário tecido à época, sobre o linguista e sobre o conhecimento linguístico. “O Vulgarizador”, jornal publicado no Rio de Janeiro, no intervalo de 1877 a 1880, é examinado na perspectiva de como participa na constituição dos saberes linguísticos, à época, num momento em que a ciência da linguagem pleiteava espaços de legitimação.

Marcas enunciativas da relação saber-poder na cultura contemporânea, de Marília Amorim, aborda relações entre formas de saber e formas de discurso, buscando caracterizar uma forma dominante na cultura ocidental. Para fins de investigação de seu objeto, a autora reflete em torno de textos filosóficos, sociológicos e psicanalíticos, em uma primeira etapa, buscan-

do examinar o funcionamento da cultura atual em suas implicações para a construção do laço social. Em um segundo momento, analisa o enunciado-tipo do gênero discursivo comercial/publicitário com base em uma abordagem benvenistean e bakhtiniana, buscando caracterizar formas de saber e efeitos de poder neste gênero discursivo.

O artigo intitulado “O olhar enunciativo de Benveniste sobre o léxico” de Sheila Elias de Oliveira, propõe uma retomada de três textos de Emile Benveniste contidos em “Linguística Geral II”, voltados à questão da formação de palavras com vistas a observar a perspectiva enunciativa de Benveniste em torno do léxico e das línguas. A partir, portanto, de um retorno aos textos “Mecanismos de transposição” (1969), “Fundamentos sintáticos da composição nominal” (1967) e “Formas novas da composição nominal” (1966) Sheila Elias propõe uma abordagem sobre a relação entre língua, linguagem e sociedade na obra de Benveniste.

Em “Compreensão sobre a arquitetônica em Bakhtin: fontes kantianas”, Maria Inês Batista Campos retoma a noção de arquitetônica, buscando tratar desta noção a partir do diálogo que Mikhail Bakhtin mantém com o sistema filosófico de Immanuel Kant (1724-1804) e com autores neokantianos da escola de Marburg, com o objetivo de analisar como Bakhtin desenvolve argumentos filosóficos em torno da arquitetônica em sua obra. Para tanto, a autora coloca em destaque, sobretudo, dois textos “Arte e responsabilidade” (1919) e “Para uma filosofia do ato responsável” (1920-1924).

O artigo “Sobre o conceito de tema em Marxismo e Filosofia da Linguagem”, de William Moreno Boenavides busca analisar de que modos o tema mantém relações incontornáveis com a noção de Psicologia do corpo social e suas formas de materialização na linguagem, bem como com as noções de infra e superestrutura, as quais, tomadas da obra de Karl Marx, vêm a constituir as bases de uma teoria materialista.

Resenhas

“As Três Fontes”, escrito por Vladimir Lênin, publicado em 2006 no Brasil pela Editora Expressão Popular e resenhado por Ercília Ana Cazarin e Eduardo Silveira de Menezes, foi gestado por Lênin em 1913 a partir de uma questão nuclear: O que é marxismo. O texto remete a uma leitura, feita por Lênin, sobre a vida e a obra de Karl Marx, tratando de aspectos fundadores da teoria marxista e das contribuições do próprio Lênin à teoria de K. Marx.

“O Ano Em Que Sonhamos Perigosamente”, de Slavoj Žižek, resenhado Adilson Carlos Batista e por Gesualda dos Santos Rasia, reflete sobre ensaios produzidos pelo autor em torno de temas como: dominação, exploração, revolta, trabalho de representação política, entre outros. A par-

tir de relações entre tais temas e fatos da história, Zizek institui questões filosóficas e psicanalíticas acerca de diferentes lógicas de dominação e dos efeitos nocivos propagados por formas distintas de organização capitalista.

Fruto do Colóquio "A pesquisa em Análise do discurso: uma homenagem a Carme Regina Schons", a Seção livre presta tributo a esta professora egressa da UFRGS e por longos anos docente da Universidade de Passo Fundo, falecida no mês de julho deste 2015. "A resposta da memória às perdas irreparáveis" nomeia o texto escrito de forma coletiva por Ana Zandwais, sua orientadora no Mestrado e no Doutorado, e pelas colegas de trajetória, Maria Cleci Venturini, da UNICENTRO (PR) e Verli Petri da Silveira, da UFSM (RS), que ensinam e pesquisam em instituições com as quais Carme dialogou intensamente. O texto reporta à produção científica legada por Carme aos estudos do discurso, a qual não foi descolada de suas práticas de pessoa engajada com a vida e suas causas; e fala também sobre um ser humano singular, envolvido com o outro, sujeito aluno, colega, humano.

Ana Zandwais e Gesualda dos Santos Raia
Organizadoras